

## ABORTO: lei, ética e prática

ALEXANDRE LEONE, RABINO: O que diz a tradição

DAVID WEITMAN, RABINO: Os mistérios da vida

FRANCIS KAPLAN, FILÓSOFO: O embrião é um ser vivo?

GILA SVIRSKY, MILITANTE PACIFISTA: Eu abortei

Páginas 4 a 7

### É MAIS...

2 **EDITORIAL**  
Caminho certo

3 **ISRAEL**  
Quem viver, verá  
HENRIQUE SAMET

8 **BECO DA MÃE**  
O primo de mamãe  
HENRIQUE VELTMAN

9 **LADINO**  
Vestígios de Sefarad  
MARC SHANKER,  
*Jewish Currents*

Reprodução/*Jewish Currents*



*Al riko, el gayo le mete guevo, al prove ni la gayna.*

*Para o rico o galo põe ovos; para o pobre, nem a galinha.*

10 **A FOTO, A HISTÓRIA**  
O flautista de Kinderland  
CARLOS ACSELRAD

11 **CARTAS**



11 e 12 **NOTAS**





# Caminho certo

No dia 3 de dezembro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva enviou carta ao presidente da Autoridade Nacional Palestina, Mahmoud Abbas, reconhecendo o Estado palestino nas fronteiras de 1967. O documento tem outros trechos importantes. Ao defender um Estado palestino “coeso, seguro, democrático e economicamente viável”,

1. reafirma que este deverá coexistir em paz com Israel;
2. registra o entendimento do governo brasileiro de que “somente o diálogo e a convivência pacífica com os vizinhos farão avançar verdadeiramente a causa palestina”;
3. condena “quaisquer atos terroristas, praticados sob qualquer pretexto”.

Três dias depois, a Argentina fez declaração semelhante, somando-se aos mais de cem países que já reconheceram o Estado palestino. No fechamento desta edição, o *Jerusalem Post* informava que Uruguai, México, El Salvador e Equador acompanharão a posição das chancelarias brasileira e argentina.

O governo israelense criticou as iniciativas, afirmando que “toda tentativa de buscar atalhos para esse processo e determinar de antemão e de forma unilateral os temas importantes e polêmicos apenas danificará a confiança entre as partes e seu compromisso em concluir as negociações de paz”.

É evidente que não haverá acordos sem diálogo direto entre as partes. No entanto, estas não têm força equivalente. Sem pressão política, pode-se chegar apenas a um arremedo, uma fantasia que não corresponderá ao anseio de paz, estabilidade e justiça dos povos da região. As negociações estão paralisadas, Israel ignora as condenações internacionais e continua ampliando assentamentos na Cisjordânia e em Jerusalém Oriental, o Hamas, extremista, ganha influência, os Estados Unidos e a União Europeia fazem corpo mole.

Neste quadro de estagnação, é totalmente legítima a iniciativa dos governos brasileiro e argentino. É coerente com posições publicamente assumidas há muito tempo e joga pressão, no tabuleiro internacional, para que as negociações avancem.



A diretoria da **ASA** deseja a seus sócios e amigos um 2011 grávido de esperanças, denso de conquistas e fértil em aproximações. Que estejamos juntos nesta jornada. ■

## Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 – Botafogo  
Rio de Janeiro – RJ – CEP 22.260-001  
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740  
Home page: [www.asa.org.br](http://www.asa.org.br) e-mail: [asa@asa.org.br](mailto:asa@asa.org.br)

**Presidente** Mauro Band

**Vice-presidentes** Horácio Itkis Schechter z' / e Gittel Bucaresky

**Secretárias** Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

**Tesoureiros** Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

**Diretores** Jacques Gruman, Clara Goldfarb,  
Marcos David Somberg, Fanny Cytryn e Esther Kuperman



*ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO* é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

**Home page:** [www.asa.org.br](http://www.asa.org.br)  
**e-mail:** [asa@asa.org.br](mailto:asa@asa.org.br)

### Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

**Colaboradores do Boletim:** David Somberg, Esther Kuperman, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

**Programação Visual:** Hama Editora

**Impressão:** Grafitto

**Tiragem:** 2.200 exemplares

*As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.*

## NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro



**Estes dançam**



Regente Claudia Alvarenga

**Estes cantam**

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30  
CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -

Quinzenalmente, terças, às 15h30

CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h

AULAS DE ÍDISH - Quinzenalmente, quintas, das 19 às 20 horas,  
com Moisés Garfinkel

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

# Quem viver, verá

Henrique Samet / Especial para ASA

A cidadania foi uma invenção política que tornou possível, acima de divisões étnicas, nacionais e religiosas, agregar e fazer conviver as diferenças em diferentes entidades políticas. Foi necessário, para isto, tirar a questão religiosa do âmbito das questões públicas. Separou-se Estado e Religião visando tornar anacrônicos e minimizar confrontos religiosos no que chamamos processo civilizatório entendido como uma necessidade pacificadora e integradora. Fora deste marco, toda reformulação sobre o lugar da questão religiosa é, acima de tudo, perigosa.

A construção da cidadania não é milagrosa ou panaceia para os conflitos que transitam pelas sociedades modernas (basta ver os assuntos candentes nas eleições em diversos países), mas determina parâmetros nos quais estes podem ser levantados, geridos, resolvidos ou não.

Israel foi idealizada como o Estado dos judeus, tornou-se um Estado de judeus e terá que se ver, queira ou não, com o fato de ser um Estado com judeus. O Estado de Israel atual se pretende laico e democrático. Deriva esta pretensão de serem todos os seus cidadãos considerados israelenses. A singularidade demográfica é a existência de uma maioria étnica judaica, mas também de minorias que chegam, somente nas fronteiras de 1967, a 20 ou mais por cento da população.

Fundamentalistas religiosos e seus sócios eventuais pretendem hoje em dia ampliar infinitamente o âmbito do privado, transformando filigranas religiosas em questões públicas. Esta ingerência é crescente, limitando liberdades consagradas em constituições democráticas, mantendo ou criando novas restrições constrangedoras na sociedade local.

Falsos bombeiros procuram minimizar o alcance destas “invasões”, fechando os olhos e se omitindo frente aos obscuran-

tismos transformados em lei ou vigentes contra a lei. Alegam sempre a necessidade de formar coalizões majoritárias. E, de recuo em recuo, tornam questionável a amplitude democrática do país.

Contudo, o sentimento religioso não é o ópio do povo. Ele está presente em todas as civilizações e deve ser considerado não como dado anômalo, mas como parte intrínseca da experiência humana, pelo menos até agora, não importando nossa relação particular com as diferentes teologias e teocracias. Na verdade, vive-

**A voz do povo é legítima, mas não garante pressupostos de apaziguamento e de paz estável.**

mos entre crenças e estruturas cruzadas aparentemente incompatíveis, tais como religião e democracia, pelo menos no que diz respeito à ideia de Verdade.

No nosso caso específico, todo sionista informado sabe que existe e existirá sempre uma tensão entre o “judaico” – o particularismo – e o conceito “democrático” – o universalismo. O Estado judaico e democrático, conforme formulação bengurionista, é um desafio que tanto pode alcançar sínteses criativas e libertárias quanto retrógradas e explosivas.

Para os crentes, Deus deixou, em parte, o futuro ao critério dos homens através do livre arbítrio. Esta versão religiosa coincide parcialmente com o critério de que a opinião pública é a voz legítima em uma democracia. Mas esta opinião pública colocou no Poder figuras como Hitler, donde se pode concluir

que, ao contrário do dito popular, a voz do povo é a única legítima, mas não é obrigatoriamente a Sua Voz.

Portanto, reitero que todo cuidado é pouco com os messianistas doidos, nacionalistas transtornados e demagogos suicidas de todas as vertentes que pretendem falar em Seu Nome ou em nome de alguma verdade transcendental.

Em Israel, a única questão transcendental é dar fim a uma colonização desbragada em terras alheias, que ameaça a essência do Sionismo. Ficar divagando sobre detalhes esotéricos não prenuncia visão, inteligência ou coragem para romper impasses.

Aderir ao que a maioria eventual na opinião pública israelense acredita ser possível é um equívoco insustentável, pelos dados presentes. Maiorias podem eleger rabinos fanáticos, demagogos, populistas e cavar sua própria desgraça, dentro da mais estrita legalidade institucional. A voz do povo é legítima, mas não garante pressupostos de apaziguamento e de paz estável.

Os verdadeiros sionistas são aqueles que tentam construir meios de tornar a eternidade de Israel algo viável e sustentável no mundo real, o que exige muito mais do que estes mantenedores profissionais de um status quo podre.

Por paradoxal que possa parecer, as vozes críticas no mundo judaico provenientes das *tfutsot* (Diáspora) podem ter um papel moderador no embate que se trava dentro da opinião pública israelense, “anestesiada”, em parte, por formulações irracionais (e, no limite, autistas e loucas), mas extremamente mobilizadoras, pois oferecem pão e mel falsificados e redensões para lá de semelhantes às promessas vazias e irrealizáveis de falsos messias.

Quem viver, verá. ■

*Henrique Samet, doutor em História, é professor da Faculdade de Letras da UFRJ.*

# O que diz a tradição

Alexandre Leone / Especial para ASA

O tema do aborto, que recentemente voltou à pauta da mídia nacional, é tratado nas fontes tradicionais judaicas a partir de abordagens e pontos de vista muito diferentes daqueles que são mais conhecidos do público brasileiro.

Há apenas uma passagem na *Torá* Escrita em que este assunto é diretamente abordado, em Êxodo 21: 22 a 25:

“Se alguns homens pelejarem, e um ferir uma mulher grávida, e for causa de que aborte, porém não havendo outro dano, certamente deverá pagar uma indenização, conforme o que lhe impuser o marido da mulher, e julgarem os juízes. Mas se houver um dano, então darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe...”

O contexto no qual está inserida esta passagem aborda outros assuntos de lei penal, entre os quais são citados vários casos de assassinato para os quais vale o princípio geral de que “quem ferir alguém, de modo que este morra, certamente será morto” (Ex. 21:12). De acordo com este princípio, o assassinato premeditado seria punido com a execução ordenada pelo tribunal, e aquele causado por negligência ou acidente seria punido com o exílio numa cidade de refúgio. Em outras palavras, não há multa nessas situações. O caso acima apresentado, que resulta num aborto com o agravante de ter sido desnecessário é, no entanto, punido apenas com uma multa – para o legislador bíblico o aborto não é considerado assassinato. Ele só é tratado de modo mais severo, como assassinato ou injúria grave, se houver “um dano”. A palavra usada em hebraico em nossa passagem é *asson*, traduzida como dano grave, mal, prejuízo e estrago. A *Halachá*, o direito rabínico, interpreta *asson* com se referindo à mulher, ou seja, se a mulher morrer ou tiver uma lesão grave resultante do aborto, os responsáveis deveriam ser punidos. Porém, o aborto feito sem necessidade e, além do mais, contra a vontade da mulher é punido apenas com uma compensação financeira, não como assassinato.

Isso gera várias questões com relação ao status jurídico do embrião ou do feto como pessoa perante o sistema jurídico judaico, a *Halachá*. Outra questão diz respeito à precedência da vida da grávida em relação à do embrião ou do feto em situações em que a vida e a saúde física ou emocional dela estejam em risco. A fonte principal sobre essas questões é a *Mishná*:

“Se uma mulher está em dificuldade de parto, é permitido seccionar aquele que está dentro dela e tirá-lo membro por membro, pois a vida dela tem precedência sobre a vida dele. Porém, se a maior parte do corpo dele saiu, não se pode tocá-lo, visto que não se sacrifica uma vida no lugar da outra”. (*Ohalot* 7:6)

## A opinião da Igreja Católica é muito mais rigorosa e severa.

A *Tossefta*, *Yevamot* 9:5 repete esta passagem com pequenas variantes, adicionando que o procedimento pode ser feito mesmo no Shabat, desde que a cabeça ou a maior parte do corpo do feto não tenha saído ainda, pois a vida da mãe tem precedência sobre a dele. Sobre essa situação, o *Talmud*, em *Sanhedrin* 72b, acrescenta que o feto faz neste caso o papel de um perseguidor (*rodef*) e, de acordo com a lei judaica, é permitido tirar a vida do perseguidor para defender a vida daquele que é perseguido.

Sobre estas fontes da literatura talmúdica, Rashi (século 11) e Maimônides (século 12), dois comentadores medievais, assumiram posições divergentes. Segundo Rashi, enquanto está dentro da mãe, o feto não tem o status de ser vivo independente dela, portanto, não é uma pessoa, e tirá-lo a vida não constitui assassinato. Por isso a passagem bíblica pune apenas com uma indenização aquele que causa um aborto desnecessário. Somente quando o feto sai é que passa à condição de pessoa viva independente, e sua vida não pode ser sacrificada no lugar de outra. Maimônides,

por outro lado, sublinhando que o feto é um perseguidor, permite o aborto no caso em que a vida da mulher está em perigo, mas reconhece tacitamente que ele é uma pessoa com vida independente, tirada somente quando põe em perigo a vida da mãe. Essa diferença de interpretações leva a diferentes decisões legais nos casos cinzas – que constituem a maioria das situações na vida –, quando as questões não são colocadas nem como brancas nem como pretas. De acordo com Maimônides, só é permitido o aborto quando há uma clara situação de vida ou morte para a mulher. De acordo com Rashi, poderia haver uma gama maior de situações e outras razões que justificassem um aborto, além do risco de vida iminente da mulher. É importante notar que para ambas as posições a flexibilidade é maior no início da gravidez, pois nenhuma das duas opiniões considera o embrião com status de pessoa nos primeiros meses. Assim, a opinião da Igreja Católica segundo a qual o embrião já é considerado uma pessoa independente na concepção, o que leva à proibição do aborto em todos os casos, é muito mais rigorosa e severa do que as opiniões encontradas na literatura judaica.

A tendência dos *poskim*, os juristas da lei judaica, ao longo dos séculos foi proibir o aborto feito sem motivos de saúde (*Tossafot* em *Hulin* 33a). Havendo, porém, um propósito terapêutico, essa objeção é removida.

Vejam os alguns pareceres dados ao longo dos últimos séculos sobre esse tema:

O rabino Yair Bachrach (1639 -1702) distingue em seu comentário vários estágios da gravidez e conclui que, teoricamente, um aborto poderia ser permitido por razões muito leves no início da gravidez, mas que não deveria ser praticado apenas em virtude de uma gravidez indesejada, o que levaria a imoralidade. Outros comentadores após ele, como o rabino Eliezer Deutsch (1850 – 1916), avançaram ainda mais a discussão sobre as diferenças legais entre os vários estágios da gravidez, desde o embrião, considera-

do parte do corpo da mãe, até o momento em que o feto poderia ser considerado *gufa aharina*, um corpo separado, e depois, quando passa a ser *ne-ekar ha-valad*, quando o feto se separa definitivamente. Os diferentes estágios correspondem a graus diferentes de permissividade ou rigor em relação a situações que legitimariam ou não um aborto.

Interessante é o parecer do rabino Yitzhak Oelbaum, que viveu na Checoslováquia e no Canadá, com relação a uma mulher que engravidou enquanto estava amamentando outro filho e percebeu que seu leite enfraquecera. O filho tinha saúde frágil, e a falta de leite poderia colocar a sua vida em perigo. O rabino Oelbaum

permite o aborto, abrindo uma nova dimensão, pois não era a vida da mãe que estava em perigo, mas a do bebê já nascido, que ela amamentava.

Em anos recentes, o rabino Uziel, que foi grão-rabino sefardi de Israel, comenta que mesmo situações de grande estresse e angústia emocional para a mulher, como o sentimento de vergonha por uma gravidez indesejada ou o medo de ser colocada em desgraça pela sociedade, poderiam tornar legítimo um aborto, em especial quando feito no início da gravidez.

Também recentemente, autoridades como o rabino Eliezer Yehudá Waldenberg consideraram legítimo o aborto de um feto, uma vez constatada a possibilidade

de nascer uma criança com grande deformidade ou com uma doença mortal e terrível como Tay-Sachs, em especial nos três primeiros meses da gravidez.

Fontes e comentaristas de diversos períodos consideraram o aborto sob muitos ângulos diferentes, tendendo a permiti-lo em situações terapêuticas, embora afirmando que ele não deveria ser usado levemente como mero método contraceptivo. ■

*Alexandre Leone, pesquisador do Centro de Estudos Judaicos da USP, é rabino da Comunidade Judaica de Alphaville, na Grande São Paulo, e começou um programa de visitas à CJB no Rio.*

# Os mistérios da vida

David Weitman / Especial para ASA

“Não matarás” é o sexto mandamento Divino dos dez que se encontram nas Tábuas da Lei. Isso significa que devemos preservar a vida humana, e não abreviá-la.

Conforme o judaísmo, a vida começa no momento da concepção. Sendo assim, o aborto não é permitido porque infringe essa proibição. O motivo é que consideramos o feto um ser vivo, que possui alma, e, por isso, evitar um aborto é equivalente a salvar uma vida. O fato de a criança estar ainda na barriga da mãe em nada altera a proibição de lhe tirarem a vida.

A não ser em casos extremos e raros, como perigo de vida para a mãe ou doenças congênitas gravíssimas, em que uma autoridade rabínica sempre deverá ser consultada, não se permite o aborto em nenhuma instância.

O aborto só é permitido no caso de o feto atentar contra a saúde da mãe e a gestação ser considerada perigosa para ela. Não faz diferença se o perigo é de ordem física ou mental. Neste caso, dá-se preferência à vida da mãe, por ela ser um ser vivo independente. A base para isso na *Torá* está na lei chamada de *rodef* (perseguidor): alguém estando em seu encalço para matá-lo, você tem o direito e o dever de se defender e, em nome da legítima defesa, até mesmo matar seu perseguidor, caso não haja outra alternativa. Todavia, se

a criança já nasceu parcialmente, ou seja, se a testa ou a perna já saíram, não mais é permitido dar prioridade à vida da mãe, pois o bebê já é considerado um ser vivo independente, tal qual a mãe.

No caso de o feto não causar perigo à mãe, o judaísmo sustenta que o aborto não pode ser feito em hipótese alguma, mesmo que os pais não queiram a criança. Porém, se o feto apresentar problemas congênitos

**Em cada caso deverá ser consultada uma autoridade rabínica.**

graves que possam acompanhá-lo por toda a vida, como a doença de Tay-Sachs, ou quando ele, comprovadamente, não viverá por muito tempo, como no caso de anencefalia, há opiniões entre os legisladores rabínicos que permitem o aborto. Obviamente, em cada caso deverá ser consultada uma autoridade rabínica competente nessa área antes de se tomar qualquer decisão.

Tudo isto diz respeito à *Halachá*, a lei judaica. O sagrado livro do *Zôhar*, obra de base do misticismo judaico, considera muito grave qualquer ato para cessar uma gravidez (a não ser para salvar a vida da

mãe), pois a gravidez é uma edificação e uma obra Divina. Qualquer ato para interrompê-la estaria indo contra a vontade do Criador.

Às vezes, uma alma precisa descer e reencarnar neste mundo, mesmo que para viver por dias ou horas, somente para completar e concluir sua missão. Vários sábios cabalistas afirmam que, às vezes, uma alma muito elevada desce a este mundo num corpo imperfeito ou em estado de demência, pois um corpo normal não a comportaria.

Sem dúvida, os pais ficam aflitos com uma criança que necessita de cuidados especiais por toda a vida, mas certamente eles recebem de D'us forças espirituais adicionais para esta nobre missão.

De qualquer forma, devemos manter nossa fé e confiança no Todo-Poderoso, tendo sempre em mente que os caminhos de Deus são insondáveis e, como diz o Profeta (Isaías 55:8): "Pois Meus pensamentos não são os seus pensamentos e Meus caminhos não são os seus caminhos." Na tão almejada época messiânica, entenderemos os mistérios e enigmas da vida. ■

*David Weitman, fundador do Centro Judaico Chabad Morumbi e da instituição beneficente Ten Yad, é rabino na Sinagoga Beit Yaacov da Congregação e Beneficência Sefardi Paulista.*

# O embrião é um ser vivo?

Francis Kaplan, *L'Humanité*

Uma pessoa é um ser humano vivo. Se o embrião é uma pessoa é uma questão que pressupõe outra questão: o embrião, considerado apenas no plano biológico – independentemente de poder ser humano, isto é, independentemente de poder ter ou vir a ter consciência, inteligência, afetividade e senso moral –, é, pelo menos, um ser vivo?

Pode-se dizer que o meu olho está vivo porque pode enxergar, assim como a minha mão está viva porque pode agarrar – em oposição ao olho cego ou à mão paralisada, que podem ser considerados mão morta ou olho morto, no sentido com que nos referimos a folhas mortas, tecidos mortos, células mortas e cabelos mortos. O meu olho, a minha mão são “partes orgânicas vivas”, para usar a expressão de Buffon [o filósofo e naturalista francês Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon, século 18] : não são seres vivos.

De fato, a única definição que se pode dar a um ser vivo é esta: é um ser que tem funções passíveis de serem chamadas de vitais porque o mantêm vivo e não precisam de outras funções para mantê-lo assim, e porque se uma deixar de operar, nenhuma das outras o fará, e o ser vivo se decomporá. Já a minha mão, o meu olho têm funções – agarrar, ver –, mas nenhuma que os mantenha vivos; eles são mantidos com vida unicamente pelo ser vivo ao qual pertencem, no caso em questão, eu, que sou um ser vivo.

O mesmo vale para o embrião. Ele

praticamente não tem qualquer função vital; as funções vitais de que precisa para se constituir em ser vivo são as da sua mãe. É graças à função digestiva da mãe que ele recebe o alimento digerido de que precisa, e não receberia esse alimento se não tivesse sido digerido por ela. É graças à função glicogênica do fígado da mãe que ele obtém

## Uma folha de papel em branco não é um desenho em potencial.

a glicose de que necessita. É graças à função respiratória da mãe que os glóbulos vermelhos de seu sangue contêm o oxigênio de que precisa. É graças à função excretora da mãe que ele elimina a excreção que, do contrário, o envenenaria.

O embrião não é nem mesmo um ser vivo “em potencial”, na medida em que um “ser em potencial” é definido como algo capaz de passar desse estado potencial para o estado de ser algo na realidade, e graças unicamente a fatores internos. Uma folha de papel em branco não é um desenho em potencial, na medida em que para passar do estado de papel em branco para o de desenho ela requer um fator externo, isto é, um desenhista. Ao contrário, o fruto de um carvalho é um carvalho em potencial, já que o solo em que está plantado

só desempenha um papel nutricional, e o estado de fruto passa para o de carvalho por força apenas de fatores internos.

O mesmo se costuma considerar em relação ao embrião. Mas, de fato, não é assim. A mais recente pesquisa científica, cujo alcance completo ainda não foi totalmente apreciado, demonstra o papel indispensável da mãe. Alguns dos fatores de crescimento que foram, sim, identificados vêm sem dúvida do próprio embrião; mas outros vêm da mãe e são suficientemente importantes para se tornarem indispensáveis ao crescimento do embrião. Não é correto dizer que o embrião cresce: ele “é crescido” pela mãe. Ele não é um ser vivo em potencial; a mãe é uma mãe em potencial de um ser vivo.

Permanece, é claro, a indagação sobre se, no decorrer do seu desenvolvimento, mesmo antes de vir à luz, o feto não se tornará, se não um ser vivo completo, pelo menos o “suficiente” para que o consideremos um ser vivo e, assim sendo, uma pessoa. Mas qualquer que seja a resposta, esta diz respeito ao feto (do quarto mês em diante) e não ao embrião, que, evidentemente, é privado de funções vitais. ■

**Francis Kaplan**, professor emérito de Filosofia na Universidade de Tours, é autor do livro *L'embryon est-il un être vivant? (O embrião é um ser vivo?)*.

Publicado em março de 2008.

Tradução de S.M.G.

Martins Associados - Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana  
Telefone: 2255-7491

Mauro Acelrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 – Ipanema  
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852  
E-mail: acselrad@globo.com

Anna e Heloisa Araujo Eventos  
Cerimonial e Logística - Buffet próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929  
E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

# Eu abortei

Gila Svirsky / Especial para ASA

**P**or lei, o aborto em Israel é crime, exceto se:

■ a mãe for menor de 17 anos (idade legal para casar em Israel) ou maior de 40;

■ a gravidez for fora do casamento (por estupro, incesto ou pai que não o próprio marido);

■ o feto estiver seriamente incapacitado, física ou mentalmente;

■ houver risco para a saúde física ou mental da mãe.

Já existiu em Israel também um “critério social” – segundo o qual o aborto seria legal se a mulher estivesse sob constrangimento social e econômico –, mas os partidos religiosos retiraram esse artigo em 1980.

Quem decide se a mulher reúne as condições e está apta a um aborto legal, financiado pelo Estado? Uma “comissão terminal” composta por dois médicos e um assistente social (dois têm que ser médicos e um tem que ser mulher). Ao contrário do que se poderia esperar, a “comissão terminal” tem sido leniente em suas decisões: aprovou 98,8% dos quase 20 mil pedidos feitos em 2004.

Contudo, nem todas que desejam abortar preenchem algum desses critérios. Estima-se em 40 mil anuais o número de abortos em Israel, e só a metade é legal. Se nenhum dos quatro critérios for preenchido, será preciso encontrar um médico que faça o procedimento na sua clínica particular. E, embora o custo dos abortos legais seja coberto pelos fundos de saúde a que todos os israelenses pertencem, os ilegais não têm a supervisão do Estado e são pagos do próprio bolso. Os pobres que não preenchem nenhum dos pré-requisitos para o aborto legal têm que resolver os seus problemas sem qualquer ajuda do sistema.

Eu abortei quando tinha 21 anos, era solteira e havia acabado de romper com meu namorado. A minha situação não se encaixaria nos critérios da “comissão terminal”, caso existissem naquela época, e procurei um médico particular a quem

paguei uma quantia alta retirada das minhas magras economias. O médico, ajudado pela esposa, abriu o consultório especialmente para mim num sábado de manhã. Voltei para casa me arrastando e fiquei sozinha e com dores durante uma semana, com medo de pedir ajuda.

Se eu tivesse tido a criança, a minha vida teria sido melhor ou pior? Não há como saber. Teria sido diferente. Alguns anos mais tarde me casei e tive filhos, que certamente enriquecem a minha vida.

Com o tempo, passei a ver o aborto de modo diferente do das minhas amigas liberais e progressistas. A mulher deve ter o direito de optar pelo aborto, mas a decisão é um assunto complicado. Pode-se ser uma advogada ferrenha dos direitos da mulher,

## A minha vida teria sido melhor ou pior?

como eu sou, mas contrabalançá-los com outras considerações importantes.

Alguns dizem que “a vida começa” na concepção, outros, no nascimento. Eu acredito que a vida começa em algum ponto entre a concepção e o nascimento, e nesse processo em que as células se tornam magicamente um ser humano, a vida não deve ser tirada.

O interesse da mãe não é o único fator a ser considerado: é preciso levar em conta também o interesse da criança. De uma criança não nascida? Sim, a partir desse momento mágico em que as células se tornam um ser humano, a criança também passa a ter interesses e direitos. Hoje temos advogados *ad litem* que representam a criança em casos de divórcio e outros assuntos, quando os pais podem pôr os seus interesses acima dos de seus filhos. Não estou sugerindo que se intime um advogado a defender os melhores interesses do feto, mas simplesmente que a mãe reconheça o quanto é sério tirar essa vida.

Aqueles de nós que nos consideramos humanistas baseamos a nossa posição num respeito profundo ao ser humano. Nós nos opomos à guerra para evitar matanças, execramos a pena de morte por considerá-la imoral, buscamos justiça para os fracos e necessitados. São posições de afirmação da vida, muito caras para mim. Da mesma forma, deveríamos prezar as vidas desses minúsculos seres humanos que crescem dentro de nós. Não estou dizendo que o aborto deveria ser condenado. Digo que é errado tratá-lo com leveza. Permitido sob circunstâncias atenuantes, deveria ser levado a cabo com profundo pesar e luto, com total compreensão de que está em jogo a extinção de vidas.

Algumas das forças antiaborto em Israel são guiadas por considerações ilegítimas. Muitas se utilizam de valores nacionalistas, uma “corrida demográfica” para produzir mais crianças que os não judeus. Alguns querem “substituir” os que foram mortos no Holocausto. Consequentemente, há uma imensa pressão social por mais bebês, inclusive sobre mulheres jovens e sobre aquelas que preferem não ter filhos. Os médicos em Israel têm tecnologia das mais avançadas para ajudar a engravidar mulheres inférteis ou consideradas velhas. E famílias ganham subsídios especiais do Estado com base no número de filhos.

Ter um filho não deveria ser uma fantasia, nem tampouco um dever para com a nação. É uma felicidade, uma responsabilidade, um compromisso para toda a vida, e uma das experiências mais profundamente gratificantes. Não pode ser assumida com leveza. E não deveria ser extinta por um capricho. ■

*Gila Svirsky é veterana ativista pela paz e pelos direitos humanos em Israel, atualmente na ONG B'Tselem. Foi cofundadora da Coalizão das Mulheres pela Paz e continua membro da Mulheres de Preto. Tradução de S.M.G.*

# Moishe Oysher, o primo de mamãe

Henrique Veltman / Especial para ASA

**M**oishe Oysher nasceu em Lipkon, Bessarábia, hoje República Moldova, em 1907. Era de uma família de *hazanim*, dá para alcançar pelo menos seis gerações de cantores cerimoniais. Mas, apesar disso, seu pai não confiava muito no talento do garoto.

Um detalhe fundamental, antes que sigamos com a história daquele que, pelo menos nos Estados Unidos, goza até hoje a reputação de ter sido o melhor *hazan* do pedaço: ele era primo de minha saudosa mãe, dona Rachel, nascida Broitman...

Em 1921, Moishe partiu para o Canadá e seguiu viajando e atuando em uma companhia de teatro ídish. Foi assim que ele chegou aos palcos de Nova York. Fez carreira rapidamente; em 1932 já liderava sua própria companhia numa excursão à América do Sul, inclusive ao Brasil. Naqueles anos, o objetivo era a Argentina. Na volta, o navio dava uma paradinha em Santos ou no Rio, e os artistas em ídish aproveitavam para fazer um rápido espetáculo, uma ou duas noites no máximo. Era importante faturar em cima da nostalgia dos *gríner idn*.

Em 1934, regressando de uma excursão a Buenos Aires, não conseguiu encaixar-se em nenhuma peça de teatro ídish em Manhattan. Todos os espetáculos estavam com seus elencos completos. Mas ele precisava trabalhar e, por sugestão e apoio de alguns amigos, aceitou conduzir os serviços de Rosh Hashaná e Iom Kipur na sinagoga da First Roumanian-American Congregation, no Lower East Side. Foi um sucesso espetacular!

Assim, Moishe passou a acumular duas carreiras, no teatro e na sinagoga.

A partir daí, tudo engrenou na sua vida artística, e ele estreou filmes em ídish: O filho do *hazan* (*The Cantor's Son*), *Yankel the Blacksmith*, e *Der Vilna Balebesel*.

O sucesso abriu portas, também, no mundo dos discos. Ainda assim, recusou



Capa de disco lançado em 1950

convites para aparecer na Broadway. Ele explicava: não queria desprezar o Shabat.

Claro que minha mãe era suspeita para falar do primo, ela o achava colossal, mas a opinião insuspeita de meu pai garantia que as gravações de Moishe Oysher que ouvíamos revelavam (e ainda revelam hoje em dia) um grande artista com uma voz extraordinária. Como *hazan*, ele sabia controlar as emoções dos ouvintes, e todas as críticas e comentários da mídia judaica americana garantem que mesmo na sinagoga ele era um grande showman.

O estilo de Moishe Oysher na *hazanut* reflete a forma clássica e antiga do cantor cerimonial. Ele era um *zóguer*, rezava cada palavra com excelente dicção e grande fervor, e seu background hassídico é visível em todas as suas orações.

Eu não sou a melhor fonte nessa análise do canto litúrgico, mas sei que o estilo de Moishe Oysher não seria aceitável numa sinagoga hoje em dia, nem no Teatro Arthur Rubinstein, que, às vezes, faz de *shul* da Hebraica de São Paulo. Mas é maravilhoso ouvir e ver suas gravações (estão todas disponíveis no youtube, um

milagre dos dias de hoje). É *hazanut* pura, do jeito que nossos pais e avós gostavam. Por exemplo, dá pra ver e ouvir o serviço completo de Kol Nidrei e o Seder de Pessach com coral, ambos com introdução e explicações. Sua versão do *Had Gadya*, que ele canta no final do serviço de Pessach, é inesquecível. Num serviço moderno e liberal, minha sugestão é que exibam para a garotada esse DVD maravilhoso, com ênfase para a canção do cabritinho.

Muita gente diz que a voz dele era algo como o rugido de um leão. Ele adotou o estilo jazzístico de sua época, e usou esses ritmos nas melodias de suas orações, ao mesmo tempo em que mantinha em alto estilo bessarabiano, klézmmer, as *doinas* e *nussach* de seus antepassados.

Nos anos 1950, além da sinagoga, dos palcos, dos filmes e dos discos, fez grande sucesso no rádio. ■

**Henrique Veltman** ([hbv@uol.com.br](mailto:hbv@uol.com.br)), carioca, 74 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

**ber  
vel**

**Bervel  
empreendimentos**

Administração de condomínios  
Locação de imóveis  
Assessoria imobiliária

---

Centro: 2212-6100  
Fax: 2212-6101  
Barra: 3321-5871 / 3325-4241  
Fax: 3325-1555

[www.bervel.com.br](http://www.bervel.com.br) • [bervel@bervel.com.br](mailto:bervel@bervel.com.br)



# Vestígios de Sefarad

Marc Shanker, *Jewish Currents*

Os sefaradis viveram cerca de um milênio na Península Ibérica até 31 de março de 1492, quando foram expulsos. A Inquisição que se seguiu acabou com séculos de História e mescla social durante os quais judeus, muçulmanos e cristãos viveram juntos em paz e tolerância relativas. Enquanto estiveram na Espanha, os judeus foram uma minoria pequena, porém influente, adaptando-se e se inspirando ora em uma, ora na outra força política, militar e ideológica que competiam entre si: os muçulmanos no sul e os cristãos no norte. A maioria dos provérbios em ladino que ilustram este texto tem sua origem na experiência ibérica dos judeus.

“*Refranes mentirozos no hay.*” (Não existem falsos provérbios). Os provérbios são uma forma condensada de sabedoria, recolhida em séculos de experiência, reforçando a moral e os valores culturais da comunidade. Em essência, dão o recado de forma sucinta, irônica com frequência, poética ocasionalmente. Alguns, cruéis, ridicularizam a nossa vaidade ou debocham da nossa estupidez. Outros nos incentivam a rir da nossa tristeza. Rima e métrica facilitam o seu insidioso encanto.

Assim como a imperfeição humana, a sabedoria proverbial é imutável. Os temas são relevantes: namorados imprudentes, noras condenáveis, falsos amigos, mulheres imorais, boas mães e madrastas malvadas, fofocas, vagabundos, pulgas, ratos e gatos, embriaguez, a vaidade dos reis, o maravilhoso poder de Deus, linhagem ancestral, pobreza e riqueza, sorte e azar, paciência, as atribuições do amor.

“*Si no es lo que quiero, quiera yo lo que es.*” (Se não é o que quero, queira eu o que é). A maioria dos provérbios é adversária de mudanças radicais. Valores tradicionais, normas comunitárias e a preservação do status quo são vistos com grande consideração. A rima, a métrica e o conteúdo

dos provérbios são estruturados com o objetivo de facilitar a lembrança, podendo grudar na nossa mente como um chiclete gruda na sola do sapato.

Meus avós Riketa (Nona) e Judah (Pop) Pitchon chegaram à cidade de Nova York por volta de 1915 provenientes de Salônica, então governada pelos turcos otomanos. Desde que morreram, minha mãe costuma repetir os provérbios que recitavam, como uma forma de se lembrar deles. Tendo aprendido com ela, agora eu também faço assim.

Como Pop dizia, “*En tus apuros i afa-nes, toma consejo de los refranes.*” (Em tuas adversidades e faina, aconselha-te com os provérbios). Não sabendo ler nem escrever, meus avós se socorriam da

## Meus avós se socorriam da sabedoria proverbial.

sabedoria proverbial quando a experiência era insuficiente.

Os provérbios, na mente de Pop, provavam o acerto das suas decisões, davam legitimidade ao lugar dele como patriarca da família. Pop não aceitava desrespeito facilmente. “*Se escupe en su cara, el piensa que esta lloviendo.*” (Cospem na cara dele, e ele pensa que está chovendo). É preciso encarar a adversidade olho no olho e assumir as consequências.

Viver de acordo com esse padrão traz muitas dificuldades. “*Vida sin penas no hay.*” (Não há vida sem problemas). A família era desesperadamente pobre e havia pouco trabalho, mas quando Pop se considerava atingido em sua honra, reclamava com o patrão. Não se pode nunca cuspir em alguém.

Pop tinha um patrão judeu que sabidamente não empregava judeus. Para garantir o emprego naquela indústria de

confeção, Pop fingia ser italiano: a pele escura ajudava, e ele praguejava fluentemente no italiano aprendido quando trabalhava no cais de Salônica. Mas, durante os lamim Noraim, temia que Deus o punisse e a sua família caso não fosse à sinagoga. Então, observando que “*Kien a dos duenyos sirve, a uno kale ke enganye*” (Quem serve a dois patrões, a um estará enganando), mandava um dos filhos ao empregador avisar que estava doente ou que um parente havia morrido.

Num canto da sala de jantar, a minha avó enchia calmamente as xícaras com café turco, quente e aromático. Ela vivia cozinhando, limpando, fazendo crochê. Não usava joias. Criar seis filhos numa pobreza desesperadora ensinou-a a valorizar o essencial. A gentil atenção, o amor e a devoção da Nona eram a cola que mantinha a família unida e fazia com que todos voltassem ao seu apartamento, domingo após domingo. Mas a sua vida também tinha um lado melancólico. Sempre à sombra do patriarcal marido, e tendo que defender os filhos quando Pop se embebedava, ela, nessas ocasiões, suspirava: “*Chaka, maca, no pas aca. Porque me naci?*” (... Por que nasci?).

Quando criança, eu passava horas com a Nona jogando War. O prazer dela era me ver ganhar: eu era o futuro da família. Quando comecei a viajar sozinho, e até a adolescência, frequentemente ia visitá-la depois da escola. Conversávamos, ríamos ou ficávamos simplesmente sentados à mesa do jantar, em silêncio, aproveitando a companhia um do outro. Não era preciso falar; nós nos comunicávamos através de uma intimidade emocional que tornava todas as palavras, até mesmo os provérbios, desnecessários. ■

**Marc Shanker**, artista autodidata, pinta, desenha e escreve há mais de 30 anos. É autor da ilustração da capa.  
Traduzido e condensado por S.M.G.

# O flautista de Kinderland

Carlos Acselrad / Especial para ASA

A leitura da coleção Romances do Povo (principalmente soviéticos) era tarefa – para mim, para esse sujeito aí da foto e mais uma legião de adolescentes. Assim também o Tratado de Materialismo Histórico e Dialético. Entre muita inutilidade, restaram-nos algumas certezas: a descrença em forças sobrenaturais para explicar o mundo e o conseqüente respeito às leis da natureza. No entanto, continuamos vulneráveis às perdas. Nenhuma certeza alivia a dor da perda. Para algumas destas chegamos a sentimentos de revolta e respectivos rótulos adjetivadores. Para a desse sujeito aí da foto, por exemplo, cabe um adjetivo: inaceitável.

Nossa afinidade, tornada evidente mal nos conhecemos na primeira colônia em Kinderland, não tinha mistérios: era obra da geração anterior, embora dispensando o DNA – pais e mães militantes socialistas, verdadeiros companheiros de luta política. Foi o bastante. Em pouco tempo a afinidade resultou numa enorme rede de amizades, muitas vezes sobrevivendo – por seis décadas – a distâncias geográficas e outras vicissitudes. Essas amizades foram se forjando ao longo das nossas práticas: fizemos juntos muito teatro, muito jornalzinho, muita competição esportiva, muito baile. Por outro lado, à medida que se aprofundava o convívio, essas mesmas amizades deixavam entrever – por entre a admiração mútua e a solidariedade de que eram feitas – certos sentimentos menos sublimes. Particularmente em relação ao Horácio – hoje uma confiança possível –, duas propriedades, aparentemente diversas, despertavam-me indisfarçável inveja. A primeira era aquela postura quase rebelde em relação à ordem (e às ordens), à hora certa, à coisa no lugar. Ele parecia querer demonstrar na prática que a previsão, a organização, a hierarquia estavam sempre a serviço de alguma entidade totalitária. Suas atitudes eram honestamente coerentes, o que, aliado a um certo multi-



Horácio (no círculo), monitor, e sua turma na Kinderland: década de 1950

talento, fez dele a personalidade original e amistosa que sempre foi.

A segunda propriedade que me merecia uma inveja maior, embora mais aceitável porque mais infantil, era o futebol. Ele não era um simples torcedor, mais um fanático corintiano, mais um palpiteiro metido a técnico. Não lembro nunca tê-lo ouvido sequer falar sobre futebol. Ele simplesmente era jogador de futebol. Jogava num time da várzea paulista, salvo engano, chamado Tupã... que tinha até camisa!

Corta para 1956 ou 7: a colônia de férias Kinderland dá um passo à frente, instalando um curso preparatório para os candidatos a monitor. No Rio e em São Paulo, aulas de psicólogas, pedagogas, artistas plásticos, professores de artesanato ensinaram como entender as crianças, organizar suas atividades, transmitir-lhes as noções da vida comunitária, estimular interesses pela natureza... Grande entusiasmo: estudamos revistas francesas sobre o assunto, fizemos contatos com a experiência argentina na Colônia Zumerland, e seminários e debates... Finalmente, produzimos uma minuciosa programação para cada dia das três semanas de colônia. Seríamos uns dez ou doze especialistas, cada um responsável por seu grupinho de umas dez ou doze crianças, que – esperávamos – viveriam dias felizes extasiados com a natureza, com a alimentação sadia e com a fascinante experiência

de ser parte de um coletivo. Foi dada a partida.

Grande decepção. Para começar, o Horácio, escalado para monitor, e que já não aparecera no curso lá em São Paulo, não apareceu também na Colônia. Seu grupinho errava a esmo sem programa, sem horários; dois ou três puxavam briga, um queria voltar, e, lá pelo quarto dia, ficou claro que alguma coisa não dera certo no geral. Nenhum de nós conseguia interessar as crianças em nada, não tínhamos comando nem ascendência moral sobre eles; andávamos desolados, rede de caçar borboleta em punho, tentando reunir o grupo, sem sucesso. A desordem gratuita ameaçava as noites, desafiando a autoridade. No quinto dia, já noite, para perplexidade geral, chega... o Horácio. Jantou e foi dormir. Manhã seguinte, lá pelas 10 horas, surge ele na porta do quarto e já com uma bola de couro grande debaixo do braço. Desconhecia – e continuou desconhecendo – toda a minuciosa programação cultural-social-natural-esportiva-artesanal que nos custara meses de seminário e muita revista francesa; ainda na porta do quarto deu umas quicadas com a bola no chão, umas embaixadinhas, matou no peito, rolou pro joelho e levantou até travar na cabeça. A esta altura já eram uns trinta garotos em volta com cara de empolgação. Os trinta que faltavam nos deixaram lá, numa expectativa revoltada, rede de caçar borboleta em punho, e foram se juntar ao resto. Na verdade, a bola de couro nem lembra uma flauta, mas a visão daquelas dezenas de ratinhos, digo, crianças atrás do sujeito, hipnotizadas, nos fez transportar para Hamelin, o Horácio tocando sua bola mágica, agora praticamente a Colônia inteira atrás, rumo ao campo de futebol, onde viveram felizes para sempre.

Desaparecimento é uma expressão geralmente usada como eufemismo para morrer. Não são, de modo algum, sinônimos. Pode-se morrer e não desaparecer. Como o sujeito aí da foto. ■

Carlos Acselrad é pediatra.

## CARTAS

■ Incumbiu-me o Conselheiro Celio dos Santos Leal, Presidente deste COMDEDINE, de manifestar, em nome deste Colegiado e em nosso próprio nome, nossa grande alegria pela passagem do 15º aniversário do Coral dessa Associação. E também de manifestar-lhes nossa expectativa de que possamos prosseguir consolidando os laços de amizade e profícua cooperação entre nossas organizações, representativas de diásporas historicamente identificáveis por significativas analogias no sofrimento, na perseverança e na contribuição para que, no futuro, possam nossos descendentes viver em uma sociedade fraterna e justa, na qual tenham sido eliminados todos os preconceitos, discriminações e segregações que possam degradar a dignidade da pessoa humana. E, certamente, a música será sempre um poderoso instrumento de aproximação dos que buscam atingir esse objetivo. Parabéns à **ASA**. Parabéns ao Coral.

*Conselheiro Helio dos Santos,  
vice-presidente de Relações  
Institucionais*

■ Faleceu, em novembro, David Lerner. Eu o conheci em 1990, quando, junto com Marcos Chor Maio, o entrevistei

para este Boletim. Foi um encontro com a História. Aquele personagem franzino, amável, mal tinha consciência da importância que tivera não só dentro da comunidade judaica, como também na vida política nacional. Navegava, com modéstia sincera, por temas difíceis e amargos, como as denúncias dos crimes stalinistas em 1956, que motivaram seu desligamento do PCB, ao qual aderira nos anos 1940 no rastro das lutas antifascistas. Declarou-se, no entanto, socialista até o fim de seus dias. Sócio de primeira hora da **ASA**, trabalhou no Clube dos Cabiras, dedicou longos anos ao Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação, foi eleito várias vezes para o Conselho Deliberativo da FIERJ. Orgulhava-se de sua identidade judaica e a vida inteira tratou de aproximá-la de suas ideias políticas. Esta não foi uma atitude trivial, numa época de intensa e não raro dolorosa polarização ideológica. Depois da entrevista, tive alguns contatos com David. Guardo dele uma imagem carinhosa, de uma pessoa sem rancor e íntegra. Jamais foi sectário quando divergimos. Respeito, coerência, capacidade para ouvir. David fará falta, neste mundo de idolatria do

consumo, ideias curtas e individualismo extremado.

*Jacques Gruman, Rio de Janeiro, RJ*

■ En nombre del ICUF Argentina y de todas sus Instituciones queremos hacerles llegar nuestras felicitaciones por este nuevo aniversario [**Coral da ASA**, 15 anos]. La trayectoria del Coro de **ASA** habla de por sí sola. No es necesario agregar ni coma ni palabra. Es muy expresiva ella misma. Saludamos y felicitamos a los directores, a los coreutas y a toda la Entidad, ya que el Coro es una construcción colectiva -vaya si lo es!!- en la que nadie queda afuera y todos suman. En definitiva, cuando se hace de la actividad y de la promoción cultural algo cotidiano, se está pensando y actuando desde el humanismo. Cuando la cultura no se disfruta como un lujo, cuando no es un privilegio, cuando no es un adorno, cuando se siente desde bien adentro de cada uno, cuando esta al servicio de las causas más nobles, es cuando nos enriquece y enaltece. Salud Coro de **ASA**!! Salud hermanos y amigos de **ASA**!! Lejaim, shalom!!

*Prof. Daniel Silber, presidente  
Sr. Marcelo Horestein, secretário*

Cartas para **ASA**: Rua São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22260-001; telefex (21) 2539-7740 ou e-mail asa@asa.org.br c.c para smgruman@terra.com.br

Devem conter nome e endereço completos, telefone e assinatura. Havendo restrição de espaço, poderão ser encurtadas sem autorização dos remetentes

## NOTAS

## Chorando na ASA

**Elza Lancman Greif** (foto ao lado), professora do Conservatório Brasileiro de Música, apresentou uma série de quatro palestras sobre choro, gênero musical tipicamente carioca. Começou com os fundadores e o clima sócio-cultural do Rio no século 19, passou pelos clássicos e chegou até os chorões contemporâneos. As palestras foram ilustradas por muitas músicas, inclusive gravações feitas pela Casa Edson no início do século 20. No último dia, o Grupo de Choro do Conservatório Brasileiro de Música (foto maior) deu uma canja empolgante, interpretando clássicos e canções recentes.



Fotos Sara M. Gruman



## Parabéns

Num clima de grande emoção, o **Coral da ASA** festejou seu 15º aniversário no dia 12 de dezembro. Com a participação especial de vários ex-coralistas, o programa foi de Beatles a Noel Rosa, passando por Astor Piazzola e pelo cancionero hebraico e judaico. A regente Claudia Alvarenga, que está no posto desde a criação do Coral, recebeu homenagem da diretoria, que destacou seu trabalho eficiente e entusiasmado. As coralistas Angela Liberalino e Lucia Lerner conduziram o programa, contando histórias e fatos pitorescos destes 15 anos. Sabrina Lôbo, também coralista, regeu a música *Ossé Shalom*, e o dançarino Marcio Cunha foi o responsável pelas marcações e coreografia do Coral. Prestigiaram o evento o ex-prefeito e senador Saturni-



no Braga, o regente do grupo de preservação da música sefardi Angeles y Malachines, José Behar, e Leonardo Obrazczka, representando o Coral Israelita. Tudo terminou num lanche farto e no tradicional bolo. Que venham muitos outros aniversários!



## Cinema documental

Em três domingos consecutivos, a **ASA** apresentou um ciclo de cinema documental. No dia 21 de novembro, a série foi inaugurada com *Utopia e barbárie*, de Silvio Tendler. Resultado de 20 anos de trabalho, o filme parte da Segunda Guerra Mundial e, através de entrevistas feitas em quinze países, faz uma revisão dos grandes eventos políticos e econômicos da segunda metade do século 20. Silvio (no detalhe com Saturnino Braga) esteve presente e, depois da exibição, debateu com o público, que lotou a sala de vídeo. Também prestigiou o



programa o vice-presidente da Federação Israelita do Estado do RJ Helio Kaufman. No domingo seguinte, exibimos os dois primeiros episódios do programa *70 anos da 2ª Guerra Mundial*, produzido pelo Observatório da Imprensa e

dirigido pelo jornalista Alberto Dines. O tema foi o papel da mídia no maior e mais sangrento conflito do século passado. O ciclo foi encerrado no dia 5 de dezembro com os dois últimos episódios do programa do Observatório.

Fotos Sara M. Gruman

## Coral em Conservatória

O Coral da ASA participou do 6º Festival de Corais de Conservatória. Tradicional nesta cidade interiorana, o evento foi dividido em dois finais de semana, com 65 grupos vindos do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Sergipe e Brasília. Todos os corais se apresentaram na Igreja de Santo Antônio.

## ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001